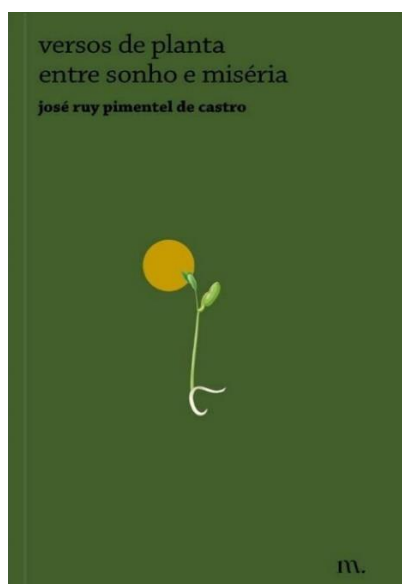


CASTRO, JOSÉ RUY PIMENTEL DE.
*VERSOS DE PLANTA ENTRE SONHO E
MISÉRIA*. SÃO PAULO: M.INIMALISMOS,
2025.



(Selfie)

José Ruy Pimentel de Castro*

* Escritor capixaba natural de Vitória, residente em Serra/ES. Formado em Letras/Inglês pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), autor dos livros *Tricótomo* (2009), *The Universe on the Tip of a Pen* (2012), *Autofagia* (2022), *Toda arrebatção que o mar não calou* (2024). Participa do coletivo Fazia Poesia, um dos maiores portais lusófonos de poesia contemporânea na plataforma Medium. Além disso, possui trabalho fonográfico autoral.



ano era o de 2022 e, naquele momento, eu, José Ruy Pimentel de Castro (ou Zé Ruy, muito prazer!) vinha de uma autopublicação no gênero poesia intitulada *Autofagia*. Era a quarta autopublicação seguida, caminho que optei por traçar até então, após a estreia como autor em editora tradicional com uma obra de não-ficção a respeito de música. Acreditava eu que a literatura, até ali, servia para não “entalar” engasgado com as muitas palavras que pediam vazão. Hoje eu não me creio errado àquela época, mas em meu conceito ainda havia limitações.

O período pandêmico catalisou a necessidade de expressão e comecei a pensar seriamente em publicar através de alguma editora, para além das publicações em redes sociais. Comecei a pensar no alcance dos versos, também por achar que pudesse haver, por parte de uma gama maior de leitores, uma identificação com as palavras surgidas de tal momento histórico. Talvez essa tentativa de voltar a circular, como poeta, para uma quantidade maior de pessoas tenha sido um retorno aos primeiros passos como tal; formado em Letras-Inglês pela Ufes e em Relações Internacionais pela UVV, iniciei o percurso, publicando em antologias da Câmara Brasileira de Jovens Escritores (CBJE), Editora Multifoco e Folheto Edições (de Leiria, Portugal), também em gêneros como conto e crônica, que se constituem até o momento em uma quantidade muito pequena de minha produção literária, mas dos quais também tenho bastante satisfação de ter publicado.

Como resultado desse novo posicionamento como autor em relação ao alcance da minha poética, e sem o sentimento de engasgo ao qual me referi — o que sempre me gerava um senso de urgência, enviei uma protoversão daquilo que posteriormente se tornaria duas obras distintas — uma divisão sabiamente exigida pela editora Marília Café, a saber: *Toda arrebenção que o mar não calou* (Pedregulho, 2024) e *Versos de planta entre sonho e miséria* (M.inimalismos, 2025). Sobre esta obra, aliás, se debruçará esta resenha.

Esse livro é a minha quinta publicação do gênero poesia. Segundo Helena Rodrigues, em reportagem de *A Tribuna*, “Nos textos, José Ruy aborda temas como existencialismo, melancolia, memória e transcendência, explorando as tensões entre o desencanto do real e o encantamento do imaginário” (RODRIGUES, 2026). É constituída de cerca de 60 poemas do período de meados e fim da pandemia de Covid-19 que se seguem cronologicamente, ou seja, em ordem crescente quanto à data da criação dos escritos (nesse sentido, aliás, o livro imediatamente anterior a ele avoluma poemas de início de pandemia).

A temática da natureza e da organicidade permeia todo o livro, servindo como plano de fundo para a criação poética. Há uma visão romântica muito comedida e madura no livro. Em sua apresentação, disse:

A planta sabe de sua miséria. Talvez por isso mesmo sonhe. E eu sigo escrevendo contra toda lógica de uma vida burocrática. É que a fotossíntese que garante a existência é o ponto de partida de qualquer sonho. Muito deste livro é a tentativa de não dar aos meios os ares dos fins; é bom não travestir essas coisas do que não são (CASTRO, 2015, p. 9).

O romantismo, que uso aqui sem qualquer ênfase ao aspecto amoroso que o termo também pode designar, vem da pertinência do sonho como enfrentamento a uma contemporaneidade para a qual ele é contraproducente. O pragmatismo de uma vida levada aos extremos da eficiência já gera danos físicos e psicológicos a uma sociedade que aprendeu a relegar seus anseios para depois. E o depois nunca chega. De certa forma, o humano retratado na obra é pós-utópico, como no poema “Toda conveniência é pós-utópica” (p. 68); um ser que assimilou, por meio de processos dialéticos como intempérie/resistência, que a ingenuidade do sonho é um luxo e que a frieza da resistência é antívida. A planta habita esse meio-termo.

Os poemas contidos no livro possuem inúmeros usos de rimas internas. Há multilinguismo que evidencia fragmentação do eu, utilizando-se de ressonâncias

das línguas como método de comunicação entre elas (veja só que ironia) em prol de determinado sentido. Os poemas não são intitulados, senão com o uso do primeiro verso quando o sumário das editoras assim exige (como é o caso aqui).

O tom pessimista (prefiro o termo “realista”) é a base das arfadas de ar com as quais o texto nos surpreende vez ou outra, como se fosse “luz escapando da copa das árvores”. É na miséria que a planta “segue, ainda que alguém da altura que sabe ter mesmo que não a tenha” (p. 9). A obra trata, *en passant* ou de maneira mais contundente, dos distanciamentos — em poemas como “Cresce o grão curvilíneo” (p. 12), “Seria esse torpor” (p. 14) ou “Em teoria o querer” (p. 17), dos desalentos — em poemas como “Drástico como o chão” (p. 18), “Qual a lógica das pretensões” (p. 19) e “*Se quedan muy lejos las ventanas*” (p. 21), das falhas morais — em poemas como “Cabe outra fábula” (p. 15) ou “Rotten roots” (p. 22).

O teor autocrítico e/ou autodepreciativo do eu lírico permeia a obra, chegando à superfície em poemas como “*Tea party* na mente” (p. 26) e “Pálpebras calam mais um dia” (p. 33). Conceitos teológicos se imiscuem na escrita, não como parte central, mesmo que estruturalmente importante; isso se vê em “Olhei a face do orvalho” (p. 28) ou “Dentre os vitrais borrados” (p. 20). Aliás, na obra, a figura divina pode ser comparada ao sol por detrás dos vitrais, iluminando em maior ou menor intensidade algum tema, a depender da angulação de incidência de seus raios.

Há intertextos importantes na obra. Com Shakespeare, por exemplo, no poema “It is what it is” (p. 29), que resolve o que se é ao invés de devanear sobre isso como na famosa frase “to be or not to be”, além de fazer alusões ao fantasma que espreita (no poema, seria o silêncio que espreita), o conflito entre as famílias reais e ao mistério entre céu e terra (que, ao contrário de Hamlet, não são mistérios que parecem passíveis de serem alcançados, mas que estão trancafiados), e com os evangelhos bíblicos, como no poema “Erijo pináculos” (p.

44). Os intertextos sempre carregam uma ressignificação das imagens emprestadas, geralmente desconstruídas e, quando desconstruídas, erigidas novamente em outro formato. Em “Erijo pináculos”, por exemplo, o eu lírico se atira, como sugerido pelo diabo na tentação de Cristo. A imagem do esgarço que cura também advém dos evangelhos numa alusão à cura da cegueira realizada por Cristo. No fim do poema, a constatação de que o anjo também é feito de barro o humaniza, ou diviniza o homem (este, na tradição judaica, feito de barro) pelo fato de o barro ter sido instrumento da cura.

Conceitos astronômicos e/ou físicos são usados em poemas como “Hoje o dia me pediu uma canção” (p. 50), “São Einstein,” (p. 59) ou “I measure my steps to the moon” (p. 60). Em “São Einstein”, endereçado como santo, também há intertexto com Drummond, mas, ao invés de uma pedra, no meio do caminho há “um cinturão de asteróides”. Nesse poema, aliás, vemos o amálgama dos conceitos teológicos, físicos e orgânicos, evidenciando minhas leituras de mundo.

Se algo se pode dizer, ao fim, é que *Versos de planta entre sonho e miséria* não pretende oferecer respostas prontas nem consolos fáceis. Antes, farfalha e persiste em meio a vitrais borrados, asteroides no caminho e raízes que sabem da própria escassez. Há uma ética silenciosa na obra: crescer, ainda que aquém; sonhar, ainda que tarde; resistir, mas sem transformar o coração em pedra. Não se trata de heroísmo, por um lado, nem resignação, por outro, pura e simplesmente; trata-se de permanecer como quem busca luz sob copas densas e de lembrar que, diante da miséria, o sonho ainda é fotossíntese.

Referência:

RODRIGUES, Helena. Livro de poesias de Zé Ruy explora existencialismo. *A Tribuna Online*, Vitória, 28 out. 2025. Disponível em:

<https://tribunaonline.com.br/entretenimento/letras/livro-de-poesias-de-ze-ruy-explora-existencialismo-279839?home=espirito_santo>. Acesso em: 2 mar. 2026.

Recebida em: 2 de março de 2026
Aprovada em: 26 de março de 2026